

Maria da Graça A. Mateus Ventura

NEGREIROS PORTUGUESES  
NA  
ROTA DAS ÍNDIAS DE CASTELA  
(1541-1556)

Edições Colibri

\*

Instituto de Cultura Ibero-Atlântica

## ÍNDICE

Prefácio por António Borges Coelho .....	9
Introdução .....	13

### CAPÍTULO I

DA ORGANIZAÇÃO DO TRATO AO REGIME DE COMÉRCIO .....	19
---	----

### CAPÍTULO II

#### O NATURAL DOMÍNIO DOS PORTUGUESES: DE FORNECEDORES A CONTRATANTES

1. Áreas de exploração em África .....	32
2. Licenças e <i>asientos</i> .....	35
2.1. O <i>asiento</i> dos irmãos Torres .....	38
2.2. O <i>asiento</i> de Manuel Caldeira .....	42

### CAPÍTULO III

#### PARTIDAS E CHEGADAS, PORTUGUESES POR TODO O LADO

1. Da viagem .....	55
2. Da carga .....	59
3. Da compra ao transporte – relação comprador de licenças / mestre de navio .....	63

## CAPÍTULO IV

ITINERÁRIO BIOGRÁFICO DE UM NEGREIRO PORTUGUÊS:  
MANUEL CALDEIRA (1513-1593)

1. De capitão de navio no trato da Guiné a construtor de naus para a Carreira da Índia .....	75
2. Feitor do rei de Portugal, <i>asientista</i> de escravos negros .....	80
2.1. Real provisão executória a pedido de Manuel Caldeira e Diogo de Castro no pleito com o fiscal Liebana sobre nove mil pesos .....	85
2.2. Auto fiscal com Manuel Caldeira, tesoureiro da Sereníssima Princesa de Portugal, sobre concessão de licença para passar cento e trinta e cinco escravos às Índias .....	88
2.3. Pleito entre o fiscal do Conselho das Índias e Manuel Caldeira sobre quantias retidas na Casa da Contratação procedidas da venda ilegal de mercadorias provenientes das Índias de Castela. ....	102
3. De homem de grossos cabedais a cavaleiro e comendador .....	104
3.1. A família .....	104
3.2. O património .....	110
ANEXOS	
Anexo 1 – Relação das partidas de escravos (1544-1550) .....	121
Anexo 2 – Património de Manuel Caldeira em 1593 .....	135
APÊNDICE DOCUMENTAL .....	139
FONTES E BIBLIOGRAFIA .....	163
ÍNDICE REMISSIVO ONOMÁSTICO E TOPONÍMICO .....	171
ÍNDICE DE ANEXOS E DOCUMENTOS .....	185
ÍNDICE ICONOGRÁFICO .....	187

## PREFÁCIO

*"Uma das grandes cousas que se vêem hoje no Mundo e nós pelo costume de cada dia não admiramos, é a transmigração imensa de gentes e nações etíopes, que da África continuamente estão passando a esta América.... Entra por esta barra um cardume monstruoso de baleias, salvando com tiros e fumos de água as nossas fortalezas, e cada uma pare um baleato; entra uma nau de Angola, e desova no mesmo dia quinhentos, seiscentos e talvez mil escravos. Os Israelitas atravessaram o Mar Vermelho e passaram da África à Ásia, fugindo do cativo; estes atravessaram o Mar Oceano na sua maior largura, e passam da mesma África à América para viver e morrer cativos"*

(Pe. António Vieira, Sermões)

O livro *Negreiros Portugueses na Rota das Índias de Castela (1541-1556)* de Maria da Graça Mateus Ventura surpreende nos seus começos a transmigração negra de que se espanta, um século mais tarde, o pe. António Vieira. Os navios negreiros de que se fala neste texto não vinham ainda de Angola mas do Cachéu, da Mina, do Rio dos Escravos, do Níger e principalmente do grande entreposto e armazém que era Cabo Verde, superado por São Tomé na segunda metade do século. Nas longas viagens oceânicas, as caravelas de negros acorrentados viajavam invocando a protecção do sagrado a que se apelava nos nomes *Santo Espírito, Santa Cruz*.

No novo continente, os escravos negros afeiçoaram a terra e seguiram nela o preceito bíblico: cresci e multiplicai-vos. Mas os seus filhos já nasciam escravos. Na América Espanhola esperava-os o trabalho brutal nas minas de ouro e de prata. Muitos revoltaram-se como os negros Miguel e Guiomar, rei e rainha efémeros de um "pueblo" da Venezuela, fundado pelos escravos na sua fuga. Estabeleceram casa real e nomearam bispo, um tal Canonigo, antes de serem dizimados no ataque que perpetraram a Nova Segóvia.

Os grandes financeiros, genoveses e principalmente portugueses, estiveram envolvidos no negócio mas eram os portugueses que dominavam as fontes de abastecimento e rapidamente o principal do trato firmou-se nas suas mãos. O contrato renderia à Coroa grossas somas e constituiria um dos mais lucrativos negócios privados desde o tempo do Infante D. Henrique.

A autora de *Negreiros Portugueses nas Rotas das Índias de Castela* identificou e acompanhou a trajectória de alguns destes negreiros portugueses como Gaspar de Torres e principalmente Manuel Caldeira, argenteiro cristão-novo que se tornou fidalgo da casa del-rei. O próprio Fernando de Loronha ou Noronha, cidadão de Lisboa no tempo de D. João II, cristão-novo, contratador do pau brasil em 1502, aparece ligado ao trato dos escravos na costa da Guiné. Aliás, o contrato com o rei D. Manuel concedia-lhe não só o exclusivo de importação do pau brasil como o autorizava a exportar índios escravos.

O trato para a Hispano-América é evocado neste livro através de múltiplas e preciosas informações originais, num estilo claro e elegante. Mas o texto não se fica no plano das informações avulsas. A todo o momento se questiona e aqui e ali ousa sínteses interpretativas onde o rigor se liga à flexibilidade da prosa.

*"Mestres de navios mercantes, pilotos ou marinheiros, tomam parte activa neste negócio não se escusando de intervir no trato comprando algumas licenças. Navegam para cá e para lá no Mar Oceano, arribam a ilhas ou terra firme, protagonizam fraudes e contrabandos, defrontam corsários, afrontam naufrágios e a morte, avizinham-se por aí onde a fortuna lhes sorrir.*

*Contratantes, asientistas, arriscam pequenas fortunas num negócio de humana mercadoria. Contratam, registam, carregam, desviam, aportam no destino ou em qualquer outro lugar. Queixam-se, lesados ou não. Tornam-se credores forçados da Coroa, cobiçosa da fortuna alheia. O dinheiro "emprestado" rende juros, em geral consolidados, mas sobretudo favores, mercês, abre portas para outras fortunas.*

*Feitores, agentes lidam com o dinheiro dos outros, traficam o que não é seu. Viajam por esse Atlântico fora, buscando também o seu próprio destino. Vão e voltam. Ou ficam por lá com as suas famílias e os seus criados. Dispensados das provas de pureza de sangue, amalam-se no cargo do trato. Judaizantes, aos molhos, tecem redes de tráfico em terra em correlação com as outras que do mar lhe trazem as mãos e os corpos para o trabalho e a fortuna".*

No Brasil, a partir da década de trinta do século XVI, esperam os escravos negros a cana e o trabalho no engenho, esse "doce inferno", evocado pelo pe. António Vieira:.

*"E verdadeiramente quem vir na escuridade da noite aquelas fomalhas tremendas perpetuamente ardentes; as labaredas que estão saindo a borbotões de cada uma pelas duas bocas ou ventas, por onde respiram o incêndio; os etíopes ou ciclopes banhados em suor, tão negros como robustos, que subministram a grossa e dura matéria ao*

*fogo, e os forçados com que o revolvem e atiçam; as caldeiras ou lagos ferventes com os cachões sempre batidos e rebatidos, já vomitando espumas, já exalando nuvens de vapores mais de calor, que de fumo, e tornando-os a chover para outra vez os exalar; o ruído das rodas, das cadeias, da gente toda da cor da mesma noite, trabalhando vivamente, e gemendo tudo ao mesmo tempo sem momento de tréguas, nem de descanso; quem vir enfim toda a máquina e aparato confuso daquela Babilónia, não poderá duvidar, ainda que tenha visto Etnas e Vesúvios, que é uma semelhança de inferno."*

O pe. António Vieira pôde acompanhar este inferno no engenho da Companhia, o célebre Sergipe do Conde. A escrita dos padres calculava em sete anos a duração de um escravo jovem no trabalho da cana e das caldeiras. O espectáculo tremendo chocou o nosso grande orador mas aconselhava-lhes resignação e prometia-lhes a vida eterna como anjos pretos:

*"se entre todo esse ruído, as vozes que se ouvirem forem as do rosário, orando e meditando os mistérios dolorosos, todo esse inferno se converterá em paraíso, o ruído em harmonia celestial, e os homens, posto que pretos, em anjos."*

O livro *Negreiros Portugueses na Rota das Índias de Castela (1541-1556)* nasceu de uma tese de mestrado de que fui orientador. O objectivo da tese era o de saber em que medida os portugueses participaram na colonização da Hispano-América. Durante a sua investigação organizou uma nova edição, rigorosa e anotada, de um texto clássico da colonização americana, a *Relação verdadeira dos trabalhos que o governador D. Fernando de Souto e certos fidalgos portugueses passaram no descobrimento da província da Florida. Agora novamente feita por um fidalgo de Elvas*. E encontrou portugueses por toda a América Espanhola como dirá no próximo volume. E encontrou portugueses negreiros. Deles nos fala neste livro com que o Instituto de Cultura Ibero-Atlântica e a Editora Colibri inauguram, em boa hora, a colecção *Travessias*.

*António Borges Coelho*